

A bola dentro da tora

Prefácio ao livro *Boleiros do Cerrado: futebol e índios Xavante*, de Fernando L. B Vianna, Editora Annablume/Fapesp, 2008.

Cesar Gordon
Antropólogo
Professor do Departamento de História e Economia, UFRRJ

Não fossem os Xavantes famosos na paisagem da antropologia ameríndia como exemplos de organizações dualistas; não houvessem os Xavantes servido, juntamente com outras sociedades jê e bororo do Brasil Central, de matriz e modelo para as análises estruturais de Claude Lévi-Strauss; não tivessem os Xavantes sido descritos por seu mais famoso etnógrafo, David Maybury-Lewis, como “sociedades dialéticas” com um pronunciado pendor cultural para as oposições e os contrastes; talvez me passassem despercebidos os dualismos e as permutações estruturais que estão na origem deste livro e que sugerem que os caminhos do conhecimento antropológico têm lá os seus segredos.

Pois aqui, como se a vida seguisse os roteiros de uma análise de Lévi-Strauss ou de um mito xavante, temos a história de um jogador de futebol que abandona sua incipiente carreira profissional para transformar-se em um estudioso dos índios xavantes, num momento em que os xavantes movem-se no sentido de tornarem-se jogadores de futebol. Ou dito de outro modo, a ressaltar os dualismos desdobrados que balizaram as condições da pesquisa: um jogador de futebol torna-se antropólogo para estudar índios que se tornam jogadores de futebol (e antropólogos) e que convertem o antropólogo novamente em um jogador de

futebol, enquanto este procura o que há de indígena naquele futebol jogado e instituído em pleno cerrado centro-brasileiro.

Num ponto qualquer dessas trajetórias inversas e reflexivas cruzaram-se os índios Xavantes e o jovem e brilhante antropólogo Fernando de Luiz Brito Vianna, o Fedola. O resultado deste feliz encontro – do campo (de futebol) ao (trabalho de) campo – é nem mais nem menos que a primeira etnografia detalhada sobre o fenômeno do futebol em uma população indígena brasileira. De maneira oportuna, o livro vem cobrir um vazio temático importante, pois embora vários autores já tenham feito registros sobre a presença do futebol entre os índios e menções esporádicas ao enorme interesse e devoção demonstrados pelos indígenas ao velho esporte bretão, a relação entre índios e futebol não tinha sido até hoje objeto privilegiado de investigação sistemática. Lacuna tanto mais surpreendente quanto sabemos da imensa penetração e relevância cultural deste esporte em inúmeras sociedades no mundo contemporâneo. Dos clubes milionários da Itália ao deserto do Serengeti na Tanzânia, do Brasil a Macau, da Argentina ao Iêmen, dos estádios modernos do Japão ao campo improvisado em meio a escombros e poeira na Faixa de Gaza, de Londres aos índios da Amazônia, o futebol está por toda a parte, e pode mesmo ser visto como o símbolo máximo da globalização, conforme já observou o historiador Eric Hobsbawm, por exemplo.

Além disso, por mais que o futebol venha se tornando progressivamente um tema consolidado nas ciências sociais no Brasil, em boa medida graças ao impulso dado por Roberto da Matta nos anos 1980, o foco principal das análises tem recaído muito mais sobre o que podemos chamar de estudos da identidade ou do “ethos” nacional, deixando pouco espaço para investigações de cunho monográfico, capazes de abordar as recepções locais do esporte por populações cuja participação no processo de modernização e urbanização do país foi

marginal, caso da grande maioria dos grupos indígenas. É precisamente esse tipo de investigação o que Fedola realiza com sucesso neste *Boleiros do Cerrado*.

O livro tem a marca do pioneirismo ao apontar as potencialidades de um campo de pesquisa ainda inexplorado, mas que permite construir novas chaves de leitura antropológica do atual momento histórico vivenciado pelos povos indígenas, caracterizado pela intensificação das relações com a sociedade nacional e com o mundo globalizado. Se hoje, os trabalhos etnográficos mais recentes mostram que estudar os índios é também estudar, por exemplo, o papel que cumprem em suas vidas o dinheiro e as mercadorias, as ONGs e a mídia internacional, as igrejas evangélicas e os movimentos Nova Era, a escola e a universidade, o livro de Fedola os complementa, chamando atenção para o papel crucial do futebol na vida dos índios xavantes.

O esforço primordial do autor é entender as especificidades e os significados socioculturais e cosmológicos do futebol para os Xavantes, bem como delinear as implicações da introdução deste esporte em diferentes aspectos da vida indígena. Para tanto, e ciente da natureza precursora de seu trabalho – e talvez “escaldado” pelo peso da tradição dualista e estruturalista da etnologia xavante –, o autor se valeu, acertadamente, de uma estratégia mais “defensiva”, se o leitor permitir o uso de metáforas futebolísticas. É que ao longo de todo o livro, ele evita a tentação de fazer generalizações apressadas e recusa os esquematismos fáceis em favor do questionamento vigilante, da dúvida e da busca pelo problema, realizando assim uma descrição muito colada ao solo etnográfico. Com isso, somos conduzidos por um texto detalhista, em estilo rigoroso, no qual ressalta uma preocupação exaustiva com a complexidade dos fenômenos (que o próprio autor definiu como uma certa obsessão pelo dado empírico).

Ao abordar cuidadosamente a realidade concreta e multifacetada do futebol xavante, o autor nos mostra como aquele se distribui em três planos ou eixos fundamentais da vida indígena, não por acaso os mesmos que já foram tratados de modo privilegiado pelas etnografias “clássicas”, a saber: o universo ritual (com ênfase na tradicional corrida de toras); a organização social (com seus grupos etários e metades); e as relações políticas, tanto internas aos domínios das aldeias (onde se manifesta o conhecido faccionalismo xavante), quanto externas, isto é, aquelas entretidas principalmente com os estrangeiros, em particular com os “brancos”, inventores e donos originários do futebol.

Porém, mesmo evitando as generalizações, a descrição de Fedola e os dados eloqüentes por ele apresentados nos permitem compreender que a introdução do futebol pelos xavantes foi processada por um sistema conceitual e simbólico preexistente, de sorte que é justo afirmar que o futebol foi devidamente “xavantizado” pelos índios. Aliás, a impressão é que o futebol encaixou-se como que sob medida aos esquemas e práticas simbólicas xavantes. Tanto em função das características próprias à natureza do jogo: as simetrias e divisões, o dualismo, e a dimensão competitiva – elementos sempre presentes na vida xavante: nos rituais, nas metades, nas classes de idade, nas disputas faccionais; quanto em função das potencialidades de organização inerentes ao aspecto mais institucional e administrativo do esporte: a criação de ligas e associações, a organização de torneios, a criação de regulamentos, a formação de equipes, a atuação dos “dirigentes”, etc. – contextos férteis para a expressão de um pendor sociologizante xavante, por meio do qual os índios são capazes de renovar segmentações, re-estabelecer diferenças, afirmar alianças e criar novas posições de prestígio e status.

Assim, por exemplo, aprendemos que a formação dos times de futebol segue os padrões tradicionais de organização social: os times podem ser constituídos com base em

metades de idade, em metades “de casa” (isto é, lados opostos da aldeia), e eventualmente por clã – demonstrando que o dualismo xavante está plenamente operativo, só que expresso agora por meio do futebol. Outro exemplo interessante trazido à tona por Fedola é o modo como o faccionalismo, as afiliações política e as obrigações de parentela passaram a se expressar no idioma do futebol, motivando inclusive tentativas de normatizar as transferências de jogadores de um time a outro através daquilo que em jargão esportivo se denomina “passe”.

As ressonâncias são de tal ordem que, em certas passagens do livro, somos surpreendidos com a sensação de estarmos lendo *A Sociedade Xavante* (clássica monografia de David Maybury-Lewis, de 1967), agora reescrita e projetada sobre um outro plano: o universo do futebol. O capítulo 5 de *Boleiros do Cerrado*, que trata de alguns “casos” e conflitos em torno do esporte, evoca – por outra inquietante coincidência – o capítulo 5 do livro de Maybury-Lewis, que abordava especificamente os casos e conflitos políticos nas aldeias. Só que aqui, não se trata mais, como na época da pesquisa do antropólogo britânico, de disputas que giram em torno da má distribuição de comida, de carne de caça, do roubo de uma tesoura, do roubo de cocos ou de infidelidade conjugal – mas de jogadores da seleção de uma aldeia que se transferem para o time de outra aldeia mediante um “passe”; de jogadores incertos entre tomar parte no time da aldeia do pai ou do sogro; ou de como a participação de um homem em equipes ou torcidas de futebol pode expressar uma tensão na lealdade aos cunhados ou aos irmãos.

Mais do que isso, de um ponto de vista cosmológico abrangente, e para usar uma imagem levi-straussiana, é como se houvesse desde sempre uma posição vazia prévia, um lugar estrutural para o futebol no universo simbólico xavante. Um dos pontos altos do livro é justamente a revelação dos nexos de sentido entre o futebol e uma célebre instituição xavante com profundas implicações cosmológicas: a corrida de toras. A associação do “jogo de toras”

com o “jogo de bola” é reiteradamente explicitada pelos índios. E a análise instigante de Fedola faz surgir uma “lógica das qualidades sensíveis” em que o futebol xavante está para a corrida de toras assim como o *leve* está para o *pesado*, funcionando como uma espécie de complemento ritual e mitológico da tradicional corrida (o futebol é dito o jogo/rito da coisa redonda leve, ao passo que a corrida é o jogo/rito da coisa redonda pesada). A propósito, a análise torna obsoleta à luz do material xavante a conhecida oposição de Lévi-Strauss (*O Pensamento Selvagem*, 1962) entre rito-conjuntivo e jogo-disjuntivo. No contexto dos povos jê, os rituais podem instaurar e re-instaurar diferenças qualitativas fundamentais, sendo também mecanismos de produção de disjunções.

Notemos que a corrida de toras é a encenação ritual do arquetípico mito do roubo do fogo da onça pelos humanos – narrativa central nas cosmologias dos povos jê e bororo, sobejamente explorada por Lévi-Strauss (*O Cru e o Cozido*, 1971), autor que a vê como parte de um meta-discurso de elaboração imaginativa e intelectual da relação entre natureza e cultura. Em uma interpretação mais atual (cf. E. Viveiros de Castro, *A Inconstância da Alma Selvagem*, 2002), poderíamos sugerir que a narrativa do roubo do fogo exemplifica um tema fundamental no pensamento ameríndio: a idéia de que a condição de possibilidade da vida coletiva indígena decorre da existência de capacidades diferenciadoras e transformativas originárias e vinculadas à alteridade, cuja apropriação simbólica garante a existência e a reprodução no tempo de tais coletivos. O mito da aquisição do fogo da onça e a corrida de toras xavante seriam, ambas, formas de expressão (discursiva e prática) desse princípio de filosofia social. Ora, a associação da corrida de toras com o futebol parece implicar uma conexão simbólica dos brancos com a alteridade mitológica da onça, bem como dos poderes transformadores e criadores do fogo com os atributos poderosos dos brancos: sua civilização,

sua indústria, sua tecnologia e por que não, uma de suas instituições mais significativas: o esporte, em particular o futebol.

Em todo caso, e antes que eu avance sobre os principais argumentos do livro tirando o prazer do leitor de descobri-los por si, é importante frisar que *Boleiros do Cerrado* demonstra que o futebol tornou-se um poderoso idioma para os xavantes, servindo para expressar vários aspectos de sua vida, incluindo-se tudo aquilo que a literatura etnográfica costumeiramente abordou: o dualismo; a produtividade sociológica das metades, grupos de idade e clãs; o faccionalismo e o caráter agonístico da vida política; o parentesco; as relações com a natureza e com os animais (caça e pesca), as relações com os estrangeiros (guerra e política).

Em tudo isto, ressalta a forma como o futebol vem sendo efetivamente incorporado pelos xavante e utilizado para conceituar e vivenciar o presente. Assim, ficamos sabendo, por exemplo, que a lagoa próxima à aldeia onde se pesca é descrita poeticamente como um grande estádio (o Maracanã), e as pescarias são comparadas a uma partida de futebol (que podem acabar empatadas). Por isso também, os mais velhos costumam dizer que o futebol jogado pelos xavantes em décadas passadas revelava com mais propriedade os valores, a força e o modo de ser xavante do que o futebol praticado hoje em dia pelas novas gerações, supostamente mais parecido com o dos brancos estrangeiros, em um interessante manifestação de tradicionalismo inventado. Mas é que o futebol, segundo aprendemos com Fedola, não apenas foi incorporado pelos xavantes como também parece ser um veículo da incorporação dos índios ao mundo dos brancos, sendo portanto objeto e meio de reflexão sobre o futuro e sobre os limites da própria “sociedade xavante”. A atração dos índios pelo futebol da cidade grande e suas aspirações de se tornarem jogadores profissionais, técnicos e quem sabe chegarem à seleção brasileira principal parecem ser a contra-face do processo de

xavantização do futebol, indicando haver dois pólos atratores no processo, duas metas, num jogo cujo resultado ainda é absolutamente incerto.

Tudo isto e muito mais o leitor encontrará neste livro instigante. E para não fugir às transformações e oposições estruturais, eu gostaria de terminar no mesmo ponto em que Fedola inicia sua narrativa: o sonho vívido e revelador no qual uma bola de futebol aparece magicamente escondida dentro de uma tora de buriti, como que encerrando metaforicamente o percurso intelectual do autor e o conteúdo de seu belo livro. Mas se este foi o percurso do antropólogo é porque só pôde ter sido inverso o percurso dos índios, indo da tora à bola e fechando um círculo – como o grande círculo central que há na aldeia xavante e no campo de futebol. Então já não sabemos de quem é o sonho, se do antropólogo ou dos xavantes.

“Se a história universal é a história de umas quantas metáforas”, escreveu Borges, talvez possamos dizer que este sonho reintegra todos os dualismos numa nova esfera de sentido: uma imensa bola girando no espaço a conectar as metas dos índios e dos brancos. “Uma esfera espantosa, cujo centro está em toda a parte, e a circunferência em nenhuma”.

Para que o jogo possa recomeçar.

Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 2008.